

A última turnê

KID CREOLE

No Canecão, uma salada de reggae, rock, salsa e calipso com tempero brasileiro

São Paulo — Júlio Bernardes

Luiz Carlos Mansur

OS cariocas terão hoje e amanhã as duas últimas chances de saborear a salada rítmica de Kid Creole and the Coconuts. A banda, que vem pela segunda vez ao Brasil, separa-se depois da turnê de *A place for heroes*, iniciada aqui, e que vai correr Estados Unidos, Europa e Japão.

August Darnell, o Kid Creole, com seu inseparável terninho e chapéu à la malandro carioca, diz que o repertório do show inclui apenas as músicas do novo LP, *I, too, have seen the woods*. Mas as músicas antigas podem pintar a pedido da platéia, como aconteceu em São Paulo, onde se apresentaram segunda-feira no Palace.

Das Coconuts originais, ficou apenas Adriana Kaegi, ex-mulher de Darnell. Ela cantará e dançará ao lado de Janique Ftwerberg, sobre duas colunas greco-romanas. As duas, descalças. O papa Kid adianta ainda a presença de outra cantora, Haitia Suller, descoberta por ele. A banda aumentou de 11 para 14 integrantes, acrescentando instrumentos como sax barítono e mais uma guitarra. O alucinado percussionista e vibrafonista Coatie Mundi (o nome de guerra do porto-riquenho Andy Hernandez) diz que não sabe se vai repetir a mesma performance quase circense das apresentações no Noites Cariocas, ano passado.

— Engordei muito neste ano. Ainda não estou em forma, mas vou melhorar na seqüência dos shows.

Darnell, um mulato canadense criado no Bronx (Nova Iorque), não quer dizer ainda qual será seu próximo personagem, depois do fim da banda. Ele, no começo da carreira, já "incorporou" Dr. Buzzard e Elbow Bones, e vai seguir carreira solo. A não ser que "este disco venda mais que os do Michael Jackson". Coatie promete "entrar na política", enquanto Adriana continuará com seu grupo Boomerang.

O visual do grupo e seu mix rítmico que viaja do swing à salsa, passando pelo rock, reggae, calipso, o diabo, sugere uma versão demente daqueles filmes da Carmen Miranda, temperados com molho pop. Darnell não esconde que Carmen foi a primeira a chamar sua atenção para a música brasileira. Coatie Mundi desfila os conhecimentos do grupo:

— Nós sempre escutamos Tom Jobim, Milton Nascimento, Ivan Lins. Gostamos da Rita Lee, apesar de ela agora ser considerada mais antiga. Também gosto muito das Frenéticas e da May East.

A citação de May não deixa de ter seu toque de justiça histórica. Ela fez parte, nos early 80's, da Gang 90



Coatie Mundi, o percussionista

público pode mudar muito o show de uma noite para outra. Darnell gostou de São Paulo, mas não deixou de estranhar um pequeno detalhe:

— Foi muito curioso, porque a maioria do público tinha mais de 40 anos. Não sei se isso é consequência da crise econômica do país, mas gostaria de ver pessoas mais jovens. Sem querer menosprezar os mais velhos.

Se depender do preço dos ingressos no Canecão, talvez o desejo de Kid Creole não chegue a se realizar: a arquibancada custa CZ\$ 500; um lugar nas mesas laterais, CZ\$ 650; e um lugar nas mesas centrais, CZ\$ 800. Por isso, eles lançam a idéia de fazer um show de graça, ao ar livre, antes de irem embora (ficam aqui até sábado). Coatie Mundi diz apenas que, "para ver esse show de graça, se houver, as pessoas terão de provar que são pobres mesmo". Não deve ser muito difícil.

A coexistência pacífica de tantos ritmos a serviço da dança reflete também as opiniões políticas do grupo. Eles foram proibidos de tocar na África do Sul pela mistura racial da banda, e também não podem se apresentar em muitos países da África do Norte, porque já estiveram em Israel. Mas Kid Creole continua acreditando:

Carlos Rosa

— Acreditamos muito na coexistência. Acho que isso solucionaria muitos problemas do mundo, hoje em dia. As pessoas precisam trabalhar juntas, cortar as fronteiras. É por aí que vai o nosso trabalho.

Kid, que aprecia ser comparado ao malandro carioca da Lapa antiga, considera-se "aluno aplicado da MPB".

— Acho incrível namorar ouvindo o disco de Jobim gravado com Frank Sinatra — ele diz. Coatie Mundi promete também introduzir em suas performances um dos elementos máximos da cultura brasileira: o candomblé. Sem saber bem a diferença entre macumba e candomblé, vai logo falando:

— Ficamos deslumbrados quando conhecemos a macumba na primeira turnê pelo Brasil, e vamos agora fazer uma homenagem em nosso show a essa dança e crença mágicas — diz.

Eles fazem piada durante todo o tempo. Na hora de explicar porque não se deixaram fotografar pela imprensa enquanto concediam uma entrevista coletiva, eles saíram com essa:

— A nossa religião não permite o culto das imagens, e como a macumba de vocês, deve ser respeitada.

Coatie Mundi também veio com as suas: afirmou gostar tanto do Brasil que vai construir um estúdio "bem no centro da avenida Paulista e outro sobre os morros cariocas". Só tem medo de ganhar inimigos:

— O nosso som seduziu de tal forma os brasileiros



B

O DISCO

Balanço irregular

I, too, have seen the woods, quinto LP de Kid Creole, rende menos que o anterior. In praise of older women and other crimes. Mas tem alguns petiscos indispensáveis para qualquer festa que se preze: Part of my design, reggae com uma cafoníssima introdução de trompete; Dancin'at the Bains-Douches, salsa com muita percussão e vibrafone; a engraçadíssima El hijo, cantada em castelhano pelo Coatie Mundi; e dois funks com uso discreto, mas bem sacado, das eletrônicas: So far, so good e Consider me. Pisadas na bola: a pálida releitura do estilo-Chic em Agony... ecstasy e a derramada baladinha Midsummer madness. O resultado final é um tanto irregular, mas não impede que o disco seja bem degustável, apesar da brincadeira de